

Cel Infantería de Marina Ramón Piñeiro Lemos
agredbra@oc.mde.es

O conceito espanhol de Força Expedicionária

O século XXI foi definido como a “era expedicionária”. É esse o motivo pelo qual as Forças Armadas espanholas (FAS) devem estar preparadas para atuar onde seja necessário, não somente no contexto multinacional, mas também de forma individualizada dentro da legalidade internacional.

Organização Básica das FAS

Para a realização dessas necessidades, as Forças Armadas espanholas foram organizadas em duas estruturas (Figura 1):

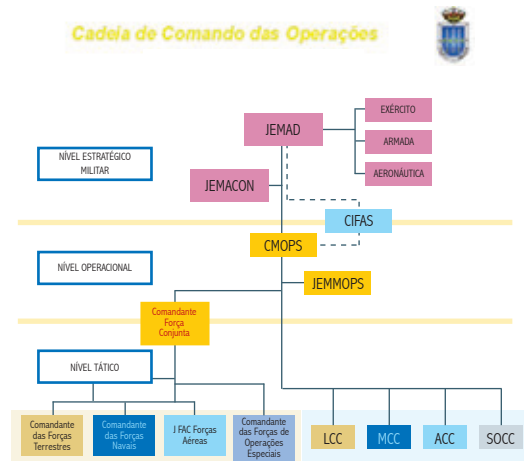
Figura 1: Organização Básica das FAS Espanholas



Fonte: o autor

- **Uma Estrutura Orgânica** – materializada pelo Exército, pela Marinha e pela Aeronáutica, com uma organização básica similar, que tem como principal obrigação a preparação e o sustento da força, bem como a geração e o sustento das capacidades que se oferecem à estrutura operacional. Nessa estrutura, os Comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica são responsáveis pela organização, equipamentos, instrução, adestramento, administração e apoio logístico dos mesmos, bem como de zelar pela moral, motivação, disciplina e bem-estar de suas respectivas Forças.
- **E uma Estrutura Operacional** – esta depende do Chefe do Estado-Maior da Defesa (JEMAD), que se encarrega do planejamento e da condução das operações e dos exercícios conjuntos, orienta a preparação das Forças e prioriza as capacidades que necessitam às operações em todas as Forças Armadas (Figura 2).

Figura 2: Cadeia de Comando das Operações



Fonte: o autor

A principal função do JEMAD é a de assegurar a eficácia operacional das Forças Armadas. Com este objetivo, ele dá diretrizes aos Comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica para se orientar na preparação da Força, supervisionar e avaliar sua disponibilidade operacional.

O JEMAD também é responsável por priorizar as capacidades militares no processo de planejamento da Força.

Cadeia de Comando das Operações

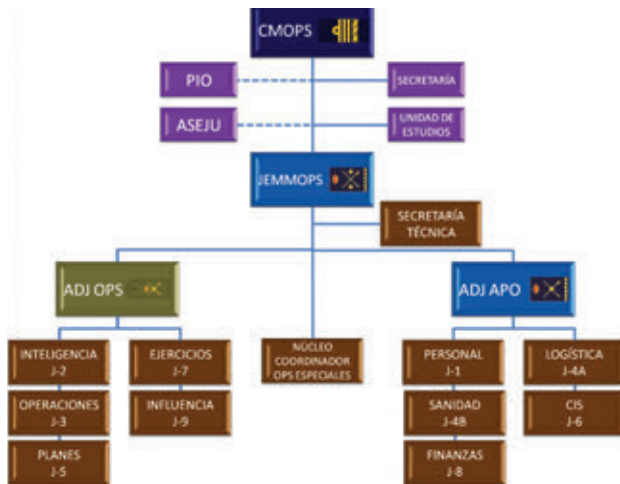
Para o desenvolvimento das operações, criou-se o MOPS (Comando de Operações). Este é o órgão da estrutura operacional, subordinado ao JEMAD. É o órgão através do qual o JEMAD, como **Comandante Operacional das Forças Armadas, exerce o planejamento, a condução operacional e dá seguimento às operações militares.**

O Comandante do MOPS (CMOPS) exerce o Comando no nível operacional de qualquer operação que realize na Estrutura Operacional. O JEMAD considera este Comando de Operações como **único Quartel General em nível operacional espanhol**, que se relacionará com os correspondentes Quartéis Gerais do referido nível da Aliança Atlântica (Figura 3).

O CMOPS é quem planeja o trabalho do Núcleo da Força Conjunta destinada às Operações de reação nacionais expedicionárias.

Este quartel General do Comando de Operações planeja, conduz e dá seguimento às Operações.

Figura 3: Estrutura MOPS (Atual)



Fonte: o autor

Para estas operações, quando os meios próprios das FAS não são utilizados, o CMOPS tem dois contratos mestre para transportar as pessoas ou materiais às zonas de operações:

1. Um contrato mestre para o transporte de pessoas, o qual ganhou Air Europa e no qual estão regulados os custos de cada avião por tipo e destino. Não é necessário contratá-lo cada vez que se necessita de um voo, mas se solicita o serviço e posteriormente se envia a nota fiscal com o preço acordado.
2. Um contrato mestre para o transporte de carga onde está regulado o preço de cada tipo de avião de carga por trajeto, o preço de cada container por destino, custos do metro linear num “navio ro-ro”.

Preparação e capacidades da Marinha

Após observação da estrutura do comando e as obrigações do Estado-Maior da Defesa, a seguir mostra-se o caráter expedicionário na Marinha. Ao se falar em Força de Fuzileiros Navais (FFN) se fala em operações anfíbias e expedicionárias, já que uma e outra estão juntas ao longo da história. Devido à Força contar com um modelo de forças flexíveis, capazes de se deslocar de forma imediata fora do território nacional (TN), com capacidade de adaptação em diferentes missões, e capazes de sustentar-se, por período limitado, isto dá às forças o caráter expedicionário.

O mar segue sendo o espaço global de importância estratégica, que abrange um espaço que não poderia ser melhor para posicionar e deslocar, imediata ou progressivamente, forças de certa entidade. Esta capacidade, exclusiva das forças anfíbias, equipe inseparável que forma os meios navais e a força de desembarque, forma-se em torno de unidades de natureza naval e anfíbia e com caráter expedicionário.

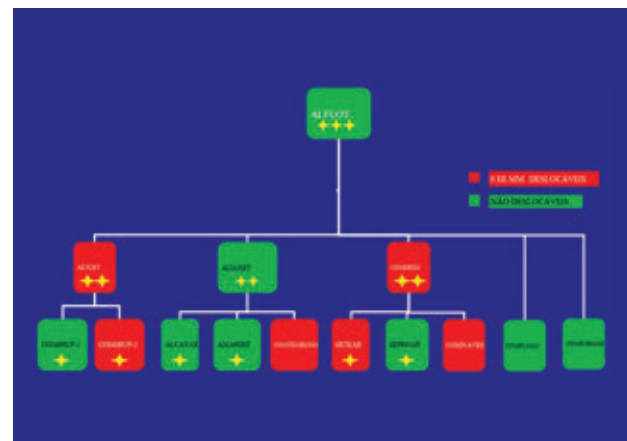
A FIM (*Fuerza de Infantería de Marina - FFN*), graças a mobilidade e a capacidade de projeção que outorga sua natureza naval e sua especialização em operações anfíbias, a sua integração com os demais meios da Marinha, e seu caráter intrinsecamente expedicionário, a faz com que a força seja especialmente adequada para ser

empregada como força de primeira resposta, tanto em operações convencionais como em Operações de Resposta de Crises, podendo ser identificada como a Força de Entrada Inicial da Força Conjunta. Sendo assim, o binômio: Meios Navais e Força de Desembarque, proporciona ao estado uma ferramenta única para a execução, com breve espaço de tempo, de operações expedicionárias.

A FIM tem os atributos das unidades expedicionárias:

- **Alta disponibilidade e capacidade operacional.** Isto é possível graças à simbiose existente entre as forças que se projetam e os meios da Armada, fruto de adestramento comum.
- **Balço entre projetabilidade e potência de combate.** Esta característica é vital e condiciona todos os programas de aquisição de material na FIM. Os meios devem ser suficientemente rápidos, para serem projetados de forma imediata, e também suficientemente potentes para prevalecerem ante as ameaças previstas nas crises que surgem no entorno do litoral. Se a FIM não dispuser de meios que distribuam as unidades terrestres mais pesadas, pode compensar isto com sua capacidade de coordenação de apoios de fogo: terrestre, naval e aéreo, e com sua capacidade de manobra que proporciona os meios da Armada.
- **Tecnologia Avançada.** Isto é imprescindível para se lutar com todas as vantagens possíveis perante um inimigo combatente, em território hostil.
- **Capacidade de Resposta Imediata.** Todos os atos da FIM estão enfocados na resposta imediata, orientados para que se consiga organizações operacionais capazes de combater o amplo leque de ameaças de forma imediata.
- **Integração.** Faz-se necessário uma integração de procedimentos e sistemas entre todas as forças participantes das operações.
- **Visão de Conjunto.** Hoje em dia, as operações expedicionárias são eminentemente em conjunto. A integração de capacidades e sistemas, com base em organizações operacionais, é algo inerente na força dos fuzileiros navais. Esta visão conjunta favorece a capacidade de interoperabilidade.

Figura 4: Estrutura da Força



Fonte: o autor

Para a realização de operações expedicionárias, a Armada espanhola conta em sua Força Naval, com 6 Estados-Maiores deslocáveis para enfrentar todo tipo de missão. A composição destes varia conforme o tipo de missão (figura 4).

A organização da Brigada da Força de Fuzileiros Navais se adapta à consecução da Capacidade, que a Armada deve contribuir à realização das operações. Para isso, nossas unidades são agrupadas em sete unidades subordinadas que proporcionam as subcapacidades necessárias para se construir a capacidade principal.

A terceira unidade de manobra é o Batalhão Mecanizado de Desembarque. Este é dotado de veículos *Hummer* blindados: piranha e anfíbios; bem como com carros de combate. Os mesmos propiciam grande potencial de fogo, de choque, de mobilidade e de proteção. São unidades de Combate ideais para ações rápidas e profundas, ações de reconhecimento e para constituição de reserva. Podem atuar com ou sem reforços, enquadrados em uma unidade superior, de forma independente como unidade reforçada para o combate em terra, ou organizado operativamente como Batalhão Reforçado de Desembarque Mecanizado (BRDMZ) para as operações anfíbias.

A Composição, possibilidades e limitações de um Batalhão e de uma Brigada de Força expedicionária, conforme já mencionado, dependem do tipo da missão. Na figura 6, aparece de forma gráfica essa forma de trabalho diretamente relacionada com a organização. A organização se embasa em quatro blocos de subcapacidades associadas ao Combate, Apoio de Combate, Serviços de Combate, Comando e Controle, como se pode ver à esquerda do slide. Estes quatro pacotes constituem o núcleo gerador das organizações operacionais.

A partir daqui, e em função da missão, são escolhidos elementos dentro de cada pacote de subcapacidades até construir a organização operacional *ad-hoc* para cada missão.

Ao se mover nas operações de combate tradicionais, o leque de organizações operacionais envolve desde a máxima entidade, que engloba a Brigada em seu conjunto até a menor entidade, que seria normalmente um Subgrupo Tático (SGT). Esta escala de organizações operacionais, em operações de combate, mantém relativa proporcionalidade entre a participação nos quatro pacotes de capacidades e nas quatro figuras, na parte superior direita do slide, representando a Brigada, uma Agrupação Tática, um Batalhão Reforçado de Desembarque (BRD) ou Grupo Tático (GT) e um SGT.

E ao se mover no âmbito do outro tipo de operações, as habituais na atualidade, podemos construir as organizações operacionais mais adequadas. Nelas, conforme as duas figuras, na parte central à direita do slide, podem variar drasticamente as porcentagens de contribuição de cada pacote de capacidades. As operações de manutenção da paz, onde as capacidades de apoio de combate podem ser mínimas, fazendo com que a contribuição aos apoios de serviços de combate seja menor que o habitual, e as operações de ajuda humanitária, as quais com capacidades, associadas à logística, ou aos apoios de combate, primam sobre as próprias capacidades de combate.

Por último, fica uma terceira contribuição a compromissos e operações, que se tenta representar com a figura da parte inferior direita do slide, é a possibilidade de contribuir com as partes essen-

ciais de uma força multinacional, entidade Brigada ou Agrupamento Tático. Este tipo de compromisso exige incrementar a capacidade de comando e controle, parte das unidades de combate, e é a parte principal dos apoios às unidades de combate.

Figura 5: Situação Atual
Organização Geração, Organizações Operacionais



Fonte: o autor

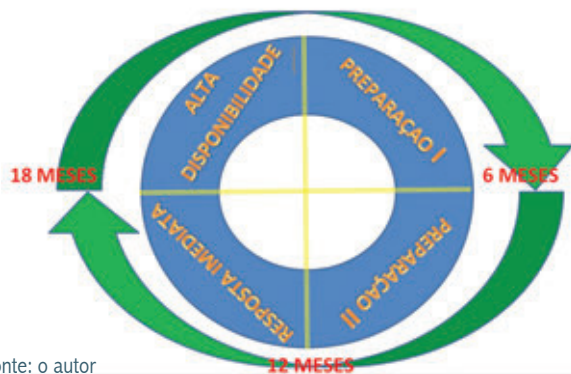
Preparação e Capacidades do Exército

Para estar em condições de colaborar com um contingente terrestre em situações adequadas, o Exército atende a três atividades principais, para as quais se tem definido uma série de Autoridades com obrigações específicas relacionadas com o Alistamento (Figura 5).

- A Geração: para isto se designa um Comando Coordenador da Geração do Contingente que irá se deslocar, que será o responsável de coordenar o esboço em detalhes das unidades do contingente com aqueles Comandos que insiram forças e com o General Chefe da Força Logística Operacional (GEFLO) para as Unidades logísticas.
- A Preparação Operacional: para isto se designa um Comando Coordenador da Preparação Operativa, que normalmente será o General Chefe das Forças Terrestres (GEFUTER), com a responsabilidade de definir o processo de adestramento a desenvolver-se pelos contingentes que são gerados para cada operação, avaliar e certificar-se do contingente, comprovando que se tenha preparado adequadamente para cumprir a sua missão.
- O Apoio à Operação: Tem-se definido uma série de atividades, diferentes Comandos participam, enquadradas no Sustento do Esforço e no sustento da Força;
 - Sustento do Esforço:
 - Conhecimento da situação.
 - Lições Aprendidas.
 - Sustento da Força:
 - Apoio Logístico desde TN.
 - Apoio Logístico a Unidades deslocadas.
 - Gestão de recursos em apoio à Força.

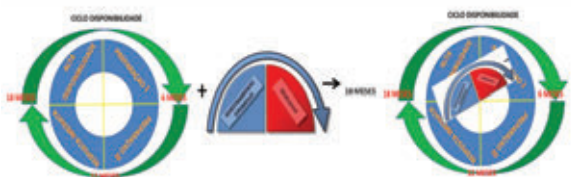
Conforme já mencionado, o COMANDO DE OPERAÇÕES CONJUNTAS é quem define a participação de cada operação. Isto sido feito, o Exército designa e detalha a Unidade que participará.

Figura 6: Ciclo Disponibilidade



Fonte: o autor

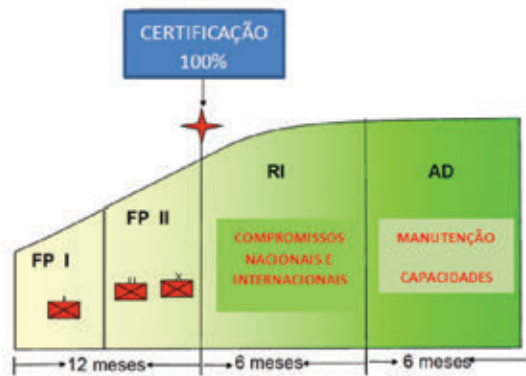
Figura 7: Preparação Específica para Operações



Fonte: o autor

No Exército, são as Brigadas (8 no total: 4 rápidas e 4 pesadas) que entram nos ciclos de giro dos deslocamentos nas missões. **As Brigadas realizam um ciclo de Preparação, Instrução e Adestramento** (Figuras 6 e 7), **que duram dois anos** (divididos em quatro períodos de seis meses). Um desses períodos se denomina “Fase de Projeção”. É nesse momento que a unidade está em condições de ser utilizada no exterior (Figura 8).

Figura 8: Sequência de Preparação



Fonte: o autor

Sendo assim, em cada um destes dois grandes cenários, a cada seis meses, uma brigada insere um Grupo Tático (aprox. 500 homens) que, conforme exposto, coincide com a fase de projeção.

Quanto ao sustento, expõe-se que é realizado basicamente com uma estrutura orgânica, que é a Força Logística Operacional (logística específica do Exército).

Mas, logicamente, referente aos transportes, quem coordena e estabelece é o MOPS. **Os traslados à ZO são de obrigação do MOPS:**

- Seja com o apoio da Força Aérea ou da Marinha.
- Ou se envolver substituições de contingentes, isto é feito através de contrato formalizado. Na atualidade, isto ocorre com a AIR EUROPA.

Não obstante, com a experiência adquirida neste tipo de operações, Líbano e Afeganistão, tendo em vista a necessidade de se enfrentar amplo aspecto de operações, **o Exército está estudando transformar suas atuais Brigadas em Brigadas Polivalentes**. Poderíamos defini-las como órgãos integradores e geradores das distintas capacidades operativas, flexíveis, rapidamente adaptadas e **capazes de atuar em todo o aspecto do conflito com seus próprios meios**.

Sua polivalência está determinada pela capacidade de adaptação rápida em qualquer entorno operacional.

O varado catálogo de capacidades e meios permitirá gerar a força operacional precisa, bem como os agrupamentos táticos de diversas naturezas.

As unidades subordinadas de cada Brigada devem contribuir com a especialização operacional e suas características particulares de atuação no conjunto da Brigada, sendo simultaneamente aptas para assumir outras obrigações.

Requisitos das unidades:

- Necessidade de materiais principais que permitam se **operar em grau médio em todo o entorno operacional**. Uma unidade dotada para o combate de alta intensidade poderia não ser a mais adequada para uma operação de estabilização.
- **Capacidade de atuar a pé**. Os conflitos atuais são conflitos nos quais se deve patrulhar e combater a pé. Muitas vezes em entornos urbanos.

Preparação e capacidades da Força Aérea

A Força Aérea deve ser capaz de construir, deslocar, operar, sustentar e retirar até duas Agrupações Aéreas Expedicionárias de entidade fora do Território Nacional (TN), tanto de maneira autossuficiente como com apoio de outros países em missões internacionais, em qualquer âmbito.

O nível de esforço exigido, que pode chegar a ser simultâneo, é:

- Desenvolver uma operação principal, sustentada no tempo, que requeira a dispersão, sustento e retirada num cenário distante de uma Agrupação Aérea Expedicionária (AA-EXP). Esta é formada por um esquadrão de aviões caça e ataque, unidades de apoio ao combate e com meios de apoio à dispersão e à operação, e operando numa base aérea sem apoios.
- Apoiar a execução de operações sustentadas no tempo pelas agrupações táticas terrestres, navais ou de operações especiais, bem como de deslocamento/recolhida.
- Liberar, por tempo limitado (não superior a seis meses) um Comando de Componente Aéreo Multinacional (JFACC).
- Participar da sustentação e do apoio logístico das forças que foram deslocadas a curta ou longa distância (Figura 9).

A entidade da força estabelece-se inicialmente, com cerca de 460 efetivos, número este de apoio que deve ser deslocado para ativar uma DOB (Base Aérea de Deslocamento) de maneira completamente autônoma. Para se planejar, estabeleceu-se também cerca

de 550 efetivos destinados à entidade da força apoiada (unidades de combate, apoio ao combate e comando e controle). Isto com capacidade para atender também aos transeuntes (uma média de 200 pessoas por dia). Todo o incremento da entidade apoiada (nacional ou multinacional) implicará necessariamente em algum aumento da entidade que apoia (nacional ou multinacional), nos módulos que se determinem, por meio dos acordos que se formaliza.

Figura 9: Aeroporto de Desembarque (APOD)



Fonte: o autor

Uma DOB é uma base fora do TN ou aliado que permite a realização de operações aéreas numa Zona de Operações (ZO) determinada. Uma DOB pode ainda facilitar a recepção e movimento (RSOM) posterior de unidades que entram ou saem da ZO. A DOB pode ser específica, conjunta ou combinada, e de caráter modular e rapidamente deslocável com um alto estado de alistamento. A DOB pode também utilizar-se do Aeroporto de Desembarque (APOD) (Figura 9) e abrigar elementos de comando e controle, uma Base de Apoio Avançada (*Forward Supporting Base – FSB*), força do Exército ou da Armada, forças de outros países, ou inclusive organizações civis.

É necessário que o sustento das capacidades operacionais e logísticas da DOB seja constante desde o TN. A responsabilidade do sustento das capacidades operacionais e logísticas, na parte que afeta ao TA, recai sobre o Comando Responsável da Operação da DOB, que será também o responsável: pelo planeamento resultante do Plano de Operações (OPLAN), pelos planos de apoio logístico à DOB, pelo deslocamento, pelo sustento e pela recolha do pessoal e do material deslocado na mesma.

A distância da DOB desde TN e a acessibilidade da mesma, será fundamental para a projeção e o sustento da mesma e das Unidades deslocadas nela.

Estes fatores não somente orientarão a entidade das unidades logísticas a ser empregada, mas também a de toda a força deslocada na DOB, influenciando de forma decisiva na natureza da Operação.

Na FA, a fim de se fazer o planeamento, o compromisso do deslocamento e a operação da DOB se estabelecem em no mínimo um ano, e estabelecem-se em seis meses os períodos de rodízio do pessoal, pelo que se identifica a necessidade de criar duas entidades DOB anuais.

Portanto, se falarmos de projetar “capacidades” temos que falar de “Forças Aéreas Expedicionárias” que envolvam o máximo de possibilidades, incluindo meios tão específicos como supressão de defesas, vigilância aérea, resgate da tripulação e guerra eletrônica. (SEAD, AEW, CSAR e EW).

Na maioria dos casos, para proporcionar cobertura às forças terrestres são necessárias as missões de Apoio Aéreo Próximo (CAS). Atrás destas ações, encontram-se os Equipamentos de Controle Aéreo-tático (TACP), integrados como uma seção a mais nas companhias motorizadas que se deslocam sobre o terreno. O contingente espanhol da ISAF manteve deslocado até sete equipamentos TACP na província de *Badghis*, ao noroeste do país, cinco da Aeronáutica e dois dos Fuzileiros Navais.

Conclusão

Como resumo do anteriormente exposto, podemos dizer que há necessidade de um caráter conjunto para este tipo de operações.

- **Capacidades:** O JEMAD é responsável por priorizar as capacidades militares no processo de planeamento da Força. Nesta priorização, tem-se em conta o emprego conjunto das unidades. Este é o fator chave para aperfeiçoar ao máximo a estrutura da força.

A integração de capacidades e sistemas com base em organizações operacionais é algo imprescindível na força. Esta visão conjunta favorece a capacidade de interoperabilidade. Esse aspecto contribuiu para baratear os custos e melhorar a dotação dos materiais.

- **Adestramento:** Nasce a necessidade de um adestramento conjunto em planos de apoio logístico no deslocamento, sustento e recolha do pessoal e do material, e também para cada operação para se ter preparado adequadamente o pessoal na mesma. Podemos ter unidades do Exército integradas em unidades dos Fuzileiros Navais e unidades das Forças Aéreas e Fuzileiros Navais integradas em unidades do Exército.

A utilização de um adestramento conjunto, bem como os ciclos de adestramento desenhados para se ter as unidades em alto grau de disponibilidade, têm incrementado a operação das unidades. O adestramento conjunto, os ciclos de adestramento e as missões expedicionárias melhoraram a formação individual das unidades e contribuíram para o aumento da motivação de nosso pessoal.

Figura 10: Pessoal em Operações (agosto 2015)



Fonte: o autor

- **Emprego das forças:** Pelas características das missões expedicionárias dos últimos anos, nas quais a Espanha interviu com a composição de sua força, o Exército tem sido o que teve maior participação neste tipo de missões (Figura 10). O Exército está estudando transformar suas atuais Brigadas em Brigadas Polivalentes, flexíveis e rapidamente adaptadas, capazes de atuar em todo o aspecto do conflito, com seus próprios meios e com distintas capacidades operativas.

Graças a mobilidade, a capacidade de projeção e a seu caráter intrinsecamente expedicionário, a Marinha, com a “Força Naval” e a “Fuerza de Infantería de Marina (FFN)”, faz que esta seja a força de primeira resposta, tanto em operações convencionais como em Operações de Resposta de Crises, podendo ser identificada como a Força de Entrada Inicial da Força Conjunta.

A Força Aérea e a DOB, com unidades de combate, apoio ao combate e comando e controle, permitem a realização de operações aéreas e pode ser utilizado como Aeroporto de Desembarque, e também como uma Base de Apoio Avançada. E contam com os TACP, que proporcionam a cobertura às forças terrestres.

O conceito espanhol de operações expedicionárias tem caráter conjunto, no qual as Forças Armadas podem contar com um modelo de forças flexíveis para serem deslocadas fora do território nacional, com capacidade de adaptação às diferentes missões e com capacidade de apoio e sustento. Nossas Forças Armadas, desde o ano 1989, participaram em 84 operações no exterior (Figura 11).

Figura 11: Missões das Fas no Exterior desde 1989



Fonte: o autor